HISPANISTA – Vol XVII – nº 68 – Enero – Febrero – Marzo de 2017
Revista electrónica de los Hispanistas de Brasil – Fundada en abril de 2000 ISSN 1676 – 9058 (español) ISSN 1676 – 904X (portugués)

A NARRATIVA ATRAVÉS DO FIO DE *NYLON* E DA MIÇANGA: A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS CONSTRUINDO GUIAS DE UMBANDA

Denise Marcos Bussoletti
Leandro Haerter
Hélcio Fernandes Barbosa Júnior

"[...] essa arte artesanal – a narrativa – como um ofício manual. 'A literatura', diz ele em uma carta, 'não é para mim uma arte liberal, mas um trabalho manual"
(BENJAMIN, 2012, p.222)

Considerações Iniciais

"Reza a lenda que as guias de Umbanda não devem ser compradas, nem feitas por qualquer pessoa", essa é uma máxima que frequentemente podemos ouvir nos terreiros de Umbanda. Em um dos terreiros onde foi realizada a pesquisa que resultou na Dissertação "Caciques de Umbanda em Pelotas: Narrativas, Histórias e Outras Pedagogias" (BARBOSA JÚNIOR, 2015), uma interlocutora frequentadora daquele espaço nos falou: "Não compra guia em casa de Umbanda, faz tu mesmo a tua ou deixa que eu faço, porque o pensamento de quem faz a guia influencia na energia que ela carrega". Ouvimos essa narrativa por diversas outras vezes, de vários interlocutores, durante a realização da referida pesquisa.

Essa narrativa acabou por orientar a condução da pesquisa, uma vez que se tornou o grande disparador para que fosse construída uma relação de maior confiança e aproximação entre os interlocutores e comunidades pesquisadas e o pesquisador. Tal disparador – a feitura de Guias de Umbanda – foi de fundamental importância na medida em que concebe a narrativa de maneira artesanal.

Durante a realização do trabalho de campo, observamos que as Guias iam sendo feitas em longos pedaços de *nylon* que, certamente, se desenrolavam no processo de rememoração dos Caciques acerca de suas histórias, momentos de risos e de troca de experiências sobre uma prática religiosa que faz parte do cotidiano dessas pessoas e se mistura às histórias particulares que envolvem amigos, filhos, companheiras e companheiros de uma vida dedicada à prática da Umbanda. As Guias eram fiadas por horas, em conversas que certamente esta escrita não traduz por inteiro, pois as narrativas reverberaram nos olhos, sorrisos, mãos e pausas naquilo que está sendo narrado, cuja real dimensão o texto escrito não traz. A este movimento que a feitura de Guias condensa, inclui os pressupostos e procedimentos sistematizados a seguir.

Material utilizado na construção das guias no momento das entrevistas
Fonte: Acervo dos pesquisadores.

Assim, tomando como referencial teórico o conceito de Narrador de Walter Benjamin (2012), e utilizando a noção de Entrevista Narrativa de Sandra Jovchelovitch (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013) como metodologia utilizada para a elaboração da mencionada Dissertação, este texto busca discutir a feitura de Guias de Umbanda[1] como método auxiliar junto aos Caciques[2], interlocutores da pesquisa. Este foi o caminho encontrado para melhor aproximar pesquisador e interlocutores, de modo que a narrativa se desenrolasse integrando a vivência cotidiana dos terreiros de Umbanda e as experiências significativas de seus adeptos. Salientamos que esta discussão fora realizadas junto aos integrantes do "Grupo Interdisciplinar Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade" da Universidade Federal de Pelotas.

A Umbanda do Brasil

Após termos contato com a produção técnica literária[3] sobre a temática da Umbanda, buscamos, atentamente, através de diversos autores, a compreensão histórica e de luta que essa religião tem travado, ainda hoje, para a minimização dos efeitos doa preconceitos que sofreu e ainda sofre. Neste processo, estudamos autores que auxiliaram na percepção do processo "educativo" que se dá na Umbanda. E assim fomos desvendando que além de belas histórias, esta religião possui um grande número de adeptos e pessoas que tem a intenção de propagar seus preceitos filosóficos e suas doutrinas, sejam elas através da palavra escrita (livros, revistas, sites e jornais) ou da palavra pronunciada e transmitida oralmente de geração em geração, e muitas vezes sentida, como é o caso das narrativas dos Caciques.

Nessa perspectiva, podemos perceber que a Umbanda possui rituais que foram se diferenciando com o passar do tempo. Cada terreiro e cada médium professa sua fé de forma diferenciada. Janaína Azevedo, escritora sobre o assunto, diz em um de seus livros,

> [...] sentir saudades de um tempo que eu não vivi. Um tempo em que você trabalhava o dia todo e, quando saía à noite, sendo dirigente de um terreiro,

> ia para a Casa cuidar das pessoas, fazer sua gira e cumprir com as suas obrigações – obrigações estas, que você assumia por vontade própria. Se a Casa recebia alguma coisa, era o justo e a justa medida de cada um em doações. Você não via templos monumentais, mas casinhas aconchegantes, onde todo mundo tinha um espaço e onde sempre tinha uma entidade para te ouvir. (AZEVEDO, 2010, p.10).

Essa pesquisa também se propõe em direção semelhante a citada autora, a buscar uma concepção de Umbanda talvez um pouco esquecida, e que pode ser retomada através da oralidade dos Caciques – chefes de terreiros –, onde se doutrina através do exercício da fé, mas também da perpetuação e propagação da sua cultura, ancestralidade e tradição. A Umbanda, segundo muitos Caciques, não pode se perder, transformando sua herança cultural em cenário de subsistência financeira dos Caciques, o que tem ocorrido com frequência, agredindo a ancestralidade e tradição daqueles que a anunciaram.

A Umbanda surge no Brasil oficialmente no dia 15 de novembro de 1908 por intermédio do médium Zélio Fernandino de Moraes que, após incorporar o Caboclo das Sete Encruzilhadas, anuncia o nascimento de uma nova religião, de origem totalmente brasileira, levando em conta todos os povos que aqui habitam, abrindo possibilidade de expressão e comunicação a todo aquele que quiser se comunicar. Segundo as palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas: "com os espíritos adiantados evoluímos, aprendemos. Aos atrasados, amparamos e ensinamos. E, a nenhum, negamos a oportunidade de uma comunicação" (CUMINO, 2011, p.24).

No âmbito da Educação, temos ainda poucas ações que obtêm sucesso no sentido de trazer a Umbanda para dentro dos meios destinados ao educar. Um fato que chocou a todos os umbandistas e pesquisadores do assunto foi quando em 2009[4], Maria Cristina Marques, professora de literatura Brasileira na Escola Municipal Pedro Adami na cidade de Macaé, Rio de Janeiro, foi proibida de usar o livro Lendas de Exu, de Adilson Martins, na sala de aula. Segundo a professora, a decisão veio do fato da diretora da escola ser evangélica, o que, se for comprovado, levará a diretora a responder um processo pelo crime de intolerância religiosa. Isto aconteceu, mesmo tendo em vista a lei nº 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da temática "história e cultura afro-brasileira" nos ensinos médio e fundamental das escolas públicas e particulares no Brasil.

Em pesquisa ao sistema de bibliotecas da Universidade Federal de Pelotas, ao digitar a palavra "Umbanda" aparecem apenas duas produções de alunos sobre o assunto. O primeiro, de autoria de Talita Turcato (1988) da área da Medicina, tem como foco pesquisar a umbanda como método alternativo para a solução de problemas de saúde. O outro é de autoria de Bianca Ferreira Oliveira (2009), e fala da formação do sujeito dentro de um centro espírita de Umbanda em relação à afetividade e sexualidade entre os irmãos da casa – o trabalho pertence à área das Ciências Sociais. Infelizmente, a despreocupação com a invisibilidade da umbanda assola a universidade.

Dentro da literatura, fora o livro de Adilson Martins intitulado Lendas de Exu, temos a obra de Mãe Beata de Yemonjá[5], ialorixá[6], que através do seu livro Caroço de Dendê a Sabedoria dos Terreiros, repassa através de uma linguagem infanto-juvenil a tradição dentro de seu terreiro de Candomblé.

Na Umbanda o que temos são os encontros entre os Caciques e os filhos da casa ou então entre os filhos com as entidades espirituais, que muitas vezes se

encarregam do trabalho de explicar os fundamentos da religião. Conforme já dito, dentro da Umbanda, os ensinamentos são passados de forma oral por seus narradores.

Antes de dar início a esta pesquisa, foi feita uma busca no banco de dados dos portais da Capes e da Scielo para compreender um pouco da produção acadêmica sobre a temática da Umbanda. Em consulta feita em onze de agosto de 2013 aos portais citados, foram encontradas seis dissertações de mestrado, sendo utilizadas como palavras chave: Umbanda e Educação. São elas: duas produções da área da educação, uma da geografia, uma da teologia, uma da antropologia e uma da sociologia.

A construção da narrativa: fio de *nylon* e miçanga

Esse texto desenvolvido no grupo de pesquisa tem como principal autor Walter Benjamin e seu texto o Narrador (2012), sendo utilizado por alguns dos participantes que trabalham com narrativas.

Em um trabalho que envolve uma religião brasileira que é transmitida através da oralidade, os sujeitos quando contam suas histórias não tem apenas o movimento da voz, mas buscam através do ato de narrar nos convencer daquilo que estão dizendo através das sensações que a palavra dita pode nos proporcionar. "O narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte" (BENJAMIN, 2012, p.216), estabelecendo um sistema de troca de experiências vivas no momento de narrar, e ainda "O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes" (2012, p.217).

A metodologia proposta foi desenvolvida em uma pesquisa de cunho qualitativo, uma vez que "preocupa-se com a compreensão, com a interpretação de um fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica" (GONSALVES, 2007, p.69). Desta forma foi escolhido o método da entrevista semiestruturada de investigação, pois acreditamos ser o melhor caminho na busca de indicações que possam preencher as lacunas da pesquisa junto aos Caciques de Umbanda. Quanto a essa forma de entrevista nos diz Rosa:

> As questões, nesse caso, deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados. O questionamento é mais profundo e, também, mais subjetivo, levando ambos a um relacionamento recíproco, muitas vezes, de confiabilidade. Frequentemente, elas dizem respeito a uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos e comportamentos. Exigem que se componha um roteiro de tópicos selecionados. As questões seguem uma formulação flexível, e a sequencia de minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente. (ROSA, 2006, p.31).

O maior desejo era estabelecer um espaço confortável entre os Caciques e os objetivos da pesquisa. Cenário perfeito para uma conversa dinâmica, para os que buscam da mesma forma compreender a maneira como se dão essas formas de aprendizagem dentro dos terreiros de Umbanda e nas suas vidas.

> A escolha pelo tipo de entrevista, como é também o caso de outros instrumentos de coleta de dados, não é neutra. Ela se justifica pela necessidade decorrente da problemática do estudo, pois é esta que nos leva a fazer determinadas interrogações sobre o social e a buscar as estratégias apropriadas para respondê-las (ZAGO, 2003, p.294).

Acreditamos que quanto mais à vontade os Caciques entrevistados se sentissem, melhor poderiam contribuir com a pesquisa nessa etapa que, segundo Gonsalves, "pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada" (GONSALVES, 2007, p.68).

Sandra Jovchelovitch e Martin W. Bauer (2013) auxiliaram também na busca da escrita metodológica deste processo. E é desta forma que nos aliamos à perspectiva da Entrevista Narrativa como caminho metodológico: "[...] as narrativas se tornaram um método de pesquisa muito difundido nas ciências sociais. A discussão sobre narrativas vai, contudo, muito além de seu emprego como método de investigação [...]" (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013, p.90).

A narrativa busca colocar a experiência em prática no momento em que são coletados os dados, o gravador captura aquilo que as pessoas lembram e o pesquisador busca, junto a tudo isso, explicar – ou simplesmente, explicitar –, aquilo que está contido no que foi possível coletar junto aos seus sujeitos da pesquisa.

Nesse trabalho com os Caciques de Umbanda, essa metodologia torna-se interessante no momento em que a entrevista narrativa:

> [...] é classificada como um método de pesquisa qualitativa [...] Ela é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas [...] (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013, p.95).

Extraímos, ainda, do modelo "tabela ou enquadramento" proposto por Jovchelovitch e Bauer (2013), parte do "passo-a-passo" proposto pelos autores e construímos nosso percurso e forma de adaptá-lo à ação no momento da preparação, durante e após as entrevistas.

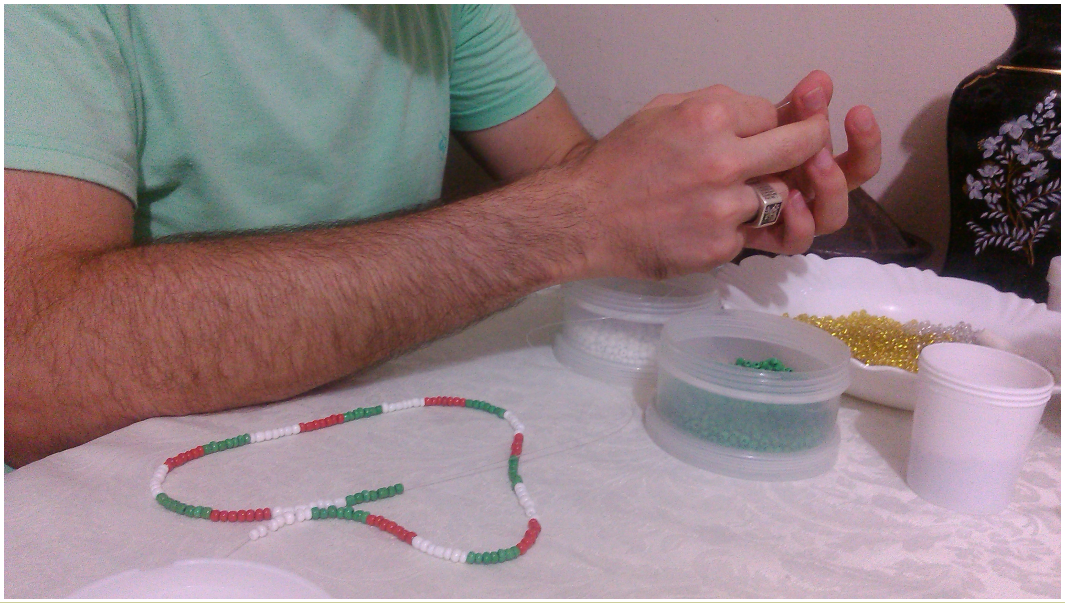
A "preparação das entrevistas" incluiu todo o estudo prévio que foi feito da literatura, tanto técnica como romanceada da Umbanda, além das visitas aos terreiros de dos interlocutores. Etapa descrita por Jovchelovitch e Bauer da seguinte forma: "[...] Isto pode implicar em ter de se fazer investigações preliminares, ler documentos e tomar nota dos boatos e relatos informais de algum acontecimento específico". (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013, p.97). Foram então realizadas leituras e notas de variados relatos de praticantes da Umbanda e também de livros técnicos sobre o assunto.

No decorrer das entrevistas, desenrolado o fio de *nylon*, espalhadas as miçangas[7] e pedido aos Caciques que ajudassem a construir as guias de sua história. Esta fase é chamada por Jovchelovitch e Bauer (2013) de "Iniciação", onde enquanto começávamos a dar os primeiros nós nas linhas eu explicava a finalidade da pesquisa, seus objetivos e a importância impar das histórias que os Caciques pudessem contar.

> [...] O procedimento da EN é então brevemente explicado ao informante: a narração sem interrupções, a fase de questionamento e assim por diante.

> Na fase de preparação da EN, um tópico para narração já foi identificado. Deve-se ter em mente que o tópico inicial representa os interesses do entrevistador [...] (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013, p.98).

Nosso tópico inicial, foi olhar atentamente para o terreiro e perguntar para os narradores: Como aconteceu tudo isso? Como surgiu a Umbanda na tua vida?



Cacique de Umbanda construindo Guias no momento da entrevista
Fonte: Acervo dos pesquisadores.

A "narração central", parte central do procedimento, acontece da maneira como Jovchelovitch e Bauer indicam:

> Quando a narração começa, não deve ser interrompida até que haja uma clara indicação ("coda"), significando que o entrevistado se detém e dá sinais de que a historia terminou [...] Restrinja-se à escuta ativa, ao apoio não verbal ou paralinguístico, e mostrando interesse ("hmm", "sim", "sei") (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013, p.99).

Na "fase do questionamento", partindo de nossas anotações, buscamos esclarecimentos mais específicos juntos aos Caciques que, mais tranquilamente, aprofundaram as questões. Conforme Jovchelovitch e Bauer (2013, p.100): "A fase de questionamento tem como finalidade eliciar material novo e adicional além do esquema autogerador da história [...]".

Enquanto isso, as guias continuavam sendo feitas... as histórias contadas, as experiências transmitidas...

A "fala conclusiva" foi o momento não só de terminar a confecção das guias, como de desligar o gravador. Perguntamos então aos Caciques se algo mais eles gostariam de dizer. Alguns sim, outros não...

Nesta etapa:

> [...] quando o gravador estiver desligado, muitas vezes acontecem discussões interessantes na forma de comentários informais. Falar em uma situação descontraída, depois do *show*, muitas vezes traz muita luz sobre as

informações mais formais dadas durante a narração. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013, p.100).

Tudo que foi dito nestes momentos finais foi anotado nos diário de campo e utilizado durante a escrita do texto da dissertação. Todo o material escrito foi reenviado para os Caciques depois de transcrito e adequado ao texto final, para que pudessem opinar e auxiliar na escrita caso alguma coisa tenha ficado incorreta ou compreendida de forma equivocada.

Guias de Umbanda construídas pelos Caciques
Fonte: Acervo dos pesquisadores

A transcrição, passo mais moroso, se deu forma densa e atenta a detalhes. "O primeiro passo na análise de narrativas é a conversão dos dados através da transcrição das entrevistas gravadas [...]" (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013, p.106). Terminado esse momento buscamos grifar as palavras que remetiam à experiência dos Caciques quanto à forma de aprendizado de suas práticas umbandistas. "Eu vi", "Eu via", "Eu fui", "Nós tínhamos", "Eu era", "quando acontecia", "os olhos dele/dela", "as mãos ficavam", "na gira", "eu sentia", "eu ouvi dizer", "eu aprendi", "eu participei" – eram palavras e/ou frases que auxiliaram no momento da escrita do texto final da dissertação, uma vez que buscamos focar totalmente na participação ativa dos sujeitos envolvidos na prática umbandista, seja ela como já praticantes ou mesmo ouvintes, apreciadores e consulentes[8].

Tudo está registrado e tudo que disseram os Caciques são verdades, uma vez que "[...] De fato, as próprias narrativas, mesmo quando produzem distorção, são parte de um mundo de fatos; elas são factuais como narrativas e assim devem ser consideradas [...]" (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013, p.109). Cada palavra deles está baseada em um fenômeno e prática humana, inclusive o próprio ato de narrar, e por isso, neste trabalho, tornam-se reais, vivas e geradoras ativas tanto daquilo que se pratica em terreiros de Umbanda quanto do que pertence ao imaginário das pessoas.

A análise dos dados foi feita através de um estudo rigoroso das falas dos Caciques relacionando-as com autores propostos na sequência deste texto, onde as falas consideradas mais significativas estão transcritas nos capítulos que seguem. Miguel Arroyo (2014), através de sua proposta de Outros Sujeitos, Outras Pedagogias, foi fundamental para a compreensão da proposta educacional dentro dos terreiros de Umbanda. Somaram-se a essa proposta de análise os autores Rodolfo Kusch (2009) e Boaventura de Sousa Santos (2010).

Destacamos ainda que em todos os procedimentos do trabalho foi respeitada a Resolução 196/96[9] do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde que normatiza a pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 1996). O anonimato dos entrevistados foi atribuído. Os Caciques foram convidados a participar do processo somente depois de feita a explicação dos objetivos e da importância da sua colaboração.

Considerações finais

Conforme narrou um dos Caciques entrevistados "Depois do interesse vem a amizade" (BARBOSA JÚNIOR, 2015, p.80). Percebemos que ao serem abordados para participarem da pesquisa, os Caciques de Umbanda na cidade de Pelotas mostravam certa timidez ao falar de suas práticas enquanto umbandistas e Caciques de Umbanda, dirigentes dos terreiros. "Mas eu não sei quase nada" e "Eu ainda estou apendendo" foram frases frequentes em mais de um ano de pesquisa, entrando quase todos os dias nas vidas particulares dessas pessoas.

Ao propor que fizéssemos guias de Umbanda e desenrolando o fio de *nylon*, logo as miçangas eram colocadas uma a uma e percebíamos que a conversa fluía de maneira espontânea e sem travamentos na hora das falas. Esquecíamos que o gravador estava ligado e conversávamos como se fossemos amigos de longa data. Nesse ínterim segredos foram revelados, emoções vieram à tona muitas vezes, e ficou compreendido o processo de aprendizagem dentro dos terreiros.

Todos chegam lá com algum interesse envolvendo saúde, amor e até mesmo vinganças, sentimentos naturais e cotidianos em todo ser humano. Mas depois do primeiro contato com o terreiro, o envolvimento foi acontecendo espontaneamente. Muitos voltam para resolver outros problemas e outros para fazer parte da casa que lhe os acolheu e indicou algum caminho na hora de necessidade.

Encontramos em um simples fio de *nylon* e no preenchimento dele com miçangas coloridas – na maior parte das vezes da cor do Orixá do Cacique da casa de Umbanda –, uma forma de sermos acolhidos por essas pessoas que dedicam suas vidas à espiritualidade e à caridade diariamente.

Referências

ARROYO, Miguel G. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014.

AZEVEDO, Janaina. *Tudo que você precisa saber sobre umbanda*. Vol. I. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

BARBOSA JÚNIOR, Hélcio Fernandes. *CACIQUES DA UMBANDA EM PELOTAS: Narrativas, Histórias e Outras Pedagogias*. 2015. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2015.

BEATA DE YEMONJÁ, Mãe. *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros, como Ialorixás e Babalorixás passam seus conhecimentos a seus filhos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II*. Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde. *Resolução nº 196/96*. Brasília. 1996.
CUMINO, Alexandre. *História da Umbanda, uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 2011.
GONSALVES, Elisa Pereira. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas: Alíneas, 2007.
JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. ENTREVISTA NARRATIVA. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*: um manual prático. 11ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p 90-113.
KUSCH, Rodolfo. América Profunda. In: KUSCH, Rodolfo. *Obras Completas tomo II*. Santa Fé: Fundación Ross, 2009. p.3-254.
LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.
OLIVEIRA, Bianca Ferreira. *Voce sabe quem sou eu, voce sabe quem sou eu?: uma etnografia a respeito da construção da pessoa num terreiro de umbanda*. Pelotas, 2009. 56f. TCC (Graduação em Ciências Sociais). Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas.
ROSA, Maria Virgínia de F. P do C. Investigação qualitativa – caracterização. In: *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos dados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
SANTOS, Boaventura de Sousa. Epistemologias do Sul. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
TERRA NOTÍCIAS. *Livro sobre lendas da Umbanda gera polêmica no Rio*. Disponível em:
<http://noticias.terra.com.br/educacao/livro-sobre-lendas-da-umbanda-gera-polemica-em-escola-no-rio,891937dabd9ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 21 jan. 2014.
TURCATO, Talita. *Medicina Religiosa: umbanda e kardecismo*. Pelotas, 1988. TCC (Graduação em Enfermagem) - Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas
ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. IN: ZAGO, Nadir. *Itinerários da pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro DP&A, 2003. p.287-308..

[1] Guias são colares usados pelos umbandistas durante a realização dos rituais. Servem para identificar, através de miçangas coloridas, a linha em que a entidade trabalha (exemplo: Caboclos, geralmente guias contendo verde e outras cores mescladas; Exus, guias vermelho e preto; etc.). São também pontos de energia dentro dos terreiros, que servem para dar proteção ao médium durante seus trabalhos. Podem também ser utilizadas no dia-a-dia dos umbandistas, mediante autorização ou indicação do Cacique ou entidade do terreiro. Ou, nas palavras de Lopes (2004, p.313), "GUIA. Na umbanda, termo masculino que denomina genericamente cada uma das entidades espirituais. No feminino, designa o colar de contas ou cordão metálico usado pelos adeptos".

[2] Caciques de Umbanda são as pessoas responsáveis pelos cuidados do terreiro, bem como, a organização e orientação antes, durante e depois dos cultos de Umbanda.

[3] Chamamos nesse momento de "produção técnica literária", toda bibliografia produzida com relação à religião de Umbanda que se detém a descrever a sua história e nos traz indicações de como são realizados os cultos, ou sessões de Umbanda, e não a uma literatura que se destina a psicografia e histórias contadas sobre esta ou aquela entidade da Umbanda.

[4] Notícia publicada no dia 27 de outubro no site Terra. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/livro-sobre-lendas-da-umbanda-gera-polemica-em-escola-no-rio,891937dabd9ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acessada em outubro de 2014.

[5] "BEATA DE IEMANJÁ, Mãe (1931-). Nome pelo qual é conhecida Beatriz Moreira Costa, ialorixá nascida em Salvador, BA, e radicada em Miguel Couto, Nova Iguaçu, RJ. Filha do candomblé do Alaqueto, a partir dos anos de 1980, tornou-se uma das mais festejadas personalidades do candomblé no Rio de Janeiro, tendo lançado, em 1997, o livro *Caroço de dendê*, de contos tradicionais" (LOPES, 2004, p.110).

[6] "IALORIXÁ. Denominação que no Brasil se dá à sacerdotisa-chefe de uma comunidade-terreiro. O mesmo que mãe-de-santo. Do ioruba *ìyálorìsa*" (LOPES, 2004, p.333).

[7] "MIÇANGA. Conta de vidro, miúda, usada na feitura de colares e outros ornamentos rituais. Do quimbundo *misanga*, 'contas de vidro', 'rosário', 'colar', plural de *musanga*, 'conta'" (LOPES, 2004, p.439).

[8] Chamamos consulente aquele ou aquela que vai até o terreiro de Umbanda consultar com as entidades incorporadas, ou seja, espíritos que se apropriam dos corpos dos médiuns de Umbanda, em busca de conforto ou de um passe de energias.

[9] Resolução que incorpora os referenciais da bioética, autonomia, não maleficência, justiça, equidade, entre outros. Visa assegurar os direitos e os deveres dos participantes da pesquisa, da comunidade científica e do Estado.